

Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC
Curso de Educação Física (Licenciatura)
Trabalho de Conclusão de Curso

Esportes Radicais na Escola: uma revisão bibliográfica

Gama-DF
2021



(61) 3035-3900



www.uniceplac.edu.br



Área Especial para Indústria
Lote nº 02, Bloco A, Sala 304,
Setor Leste, Gama, Brasília, DF
CEP 72.445-020

GUSTAVO LUIZ OLIVEIRA SANTOS

Esportes Radicais na Escola: uma revisão bibliográfica

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Orientador: Prof. Dr. Arilson Fernandes Mendonça de Sousa

Gama-DF

2021



GUSTAVO LUIZ OLIVEIRA SANTOS

Esportes Radicais na Escola: uma revisão bibliográfica

Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac.

Gama, 20 de junho de 2021.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Arilson Fernandes Mendonça de Sousa
Orientador



Prof. Dr. Rafael dos Reis Vieira Olher
Examinador

Prof. Nome Completo
Examinador



Esportes Radicais na Escola: uma revisão bibliográfica

Gustavo Luiz Oliveira Santos¹

Resumo:

Os esportes radicais são caracterizados pela vivência de riscos que os praticantes não são expostos nas atividades normais de seu dia a dia, dentro de contexto de aventura e com fortes emoções. Os esportes radicais são propostos como conteúdo pela BNCC para serem aplicados pelos profissionais de educação física na escola, desta forma o seguinte estudo teve como objetivo revisar o que se tem sobre os esportes radicais na escola na literatura, quais são os benefícios, se são realmente abordados e se não qual o porquê. O que se teve como resultado foi a confirmação que sim, os esportes radicais têm benefícios consideráveis para os alunos quando abordado nas aulas na escola, porém muitos professores não os utilizam por falta de qualificação profissional e pelos riscos, além de se observar também uma baixa quantidade de estudos realizados sobre o tema.

Palavras-chave: Prática Corporal, Aventura, Educação Física.

Abstract:

Extreme sports are characterized by the experience of risks that practitioners are not exposed to in normal daily activities, within the context of adventure and with strong emotions. Extreme sports are proposed as content by the BNCC to be applied by physical education professionals at school, so the following study aimed to review what is said about extreme sports at school in the literature, what are the benefits, if they really are addressed and if not what why. What was had as a result was the confirmation that yes, extreme sports have considerable benefits for students when approached in school classes, but many teachers do not use them due to lack of professional qualification and the risks, in addition to also observing a low number of studies carried out on the subject.

Keywords: Practice Body, Adventure, Education Physics.

¹Graduando do Curso Educação Física, do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Uniceplac. E-mail: xxxx@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Os esportes radicais são caracterizados pela vivência de riscos que os praticantes não são expostos nas atividades normais do dia a dia, dentro de contexto de aventura e com fortes emoções. Além disso, existem esportes que provocam nos praticantes o senso de preservação da natureza como o montanhismo e o arborismo (UVINHA, 2000). Esses esportes radicais têm ganhado maior repercussão na mídia desde a década de 80, e cada vez mais surgem novas modalidades o que os tornam bastante populares, principalmente entre os mais jovens. Ademais, algumas modalidades ganharam tanto status que têm sido consideradas para participarem em jogos olímpicos, por exemplo surf e skate, que estiveram na edição dos jogos em Tokio 2021 (PAIXÃO, 2017).

Os esportes radicais possuem diversas nomenclaturas, como por exemplo, práticas corporais de aventura, termo utilizado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), referente a esportes que trazem a sensação de perigo, risco controlado ao praticante como o paraquedismo, a asa delta e o skate por exemplo, estes esportes são exemplos que compõem essa categoria da cultura corporal do movimento (BRASIL, 2017).

Apesar do aumento de popularidade e de estarem presentes na BNCC parecem não possuir ainda a mesma representatividade que outros esportes na escola como o basquetebol, futebol, voleibol, handebol e atletismo (FREITAS et al., 2016). Diversos motivos podem ser elencados, como formação específica sobre o tema para os professores, infraestrutura das escolas, que geralmente favorece a realização de esportes coletivos como handebol, vôlei e futsal, ainda, questões históricas e culturais, por exemplo, o futebol ganhou muitos adeptos devido ao apoio do governo e divulgação na mídia em um momento de aumento do acesso dos lares brasileiros aos meios de comunicação, portanto, é natural que as pessoas conheçam mais estes esportes (GUTERMAN, 2009).



Nesta perspectiva, em relação as outras modalidades mencionadas, estudos produzidos no meio acadêmico sobre esportes radicais é bastante recente e não se têm notícias de revisões acerca das intervenções com esportes radicais no cenário escolar. Com isso o objetivo do presente estudo é revisar estudos produzidos sobre os esportes radicais nas escolas para tentar compreender quais são mais pesquisados e discutidos, seus efeitos na comunidade escolar, e servir de material de estudos aos professores que atuam neste cenário.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Esporte de aventura e radicais

O termo esporte de aventura engloba uma série de práticas corporais que podem ser praticadas em momentos de lazer ou com caráter competitivo e que tem como característica dominante a aventura, fortes emoções e o risco. Os esportes caracterizados como radicais além da particularidade do risco e da aventura também existem os que carregam a proposta de preservação da natureza, local de prática de alguns deles (UVINHA, 2000; PAIXÃO, 2017).

Autores expressam opiniões diferentes sobre a classificação dos esportes radicais, Uvinha (2000) classificou pelo ambiente em que são praticados; aéreos, aquáticos e terrestres. Pereira, Armbrust e Ricardo (2008), classificam os esportes radicais em duas categorias; Esportes Radicais de ação e Esportes Radicais de Aventura. A chave para o entendimento está no significado das palavras, nos Esportes Radicais de Ação a palavra ação se refere a um movimento técnico a ser realizado pelo praticante, ou seja, a manobra como é comumente chamada. Nos Esportes Radicais de Aventura, a palavra aventura se refere a origem da palavra vem do latim “adventura” que significa “o que está por vir” no sentido do que é desconhecido e imprevisível, muito presente nas modalidades que são praticadas na natureza, onde há uma incerteza sobre o clima por exemplo.



Alguns esportes radicais de ação são; o Surf, esporte individual praticado com prancha onde o objetivo é se manter de pé sobre ela deslizando sobre as ondas e realizando manobras de diferentes graus de dificuldade, e Windsurf é uma modalidade olímpica, onde o objetivo é efetuar as manobras sobre uma prancha com vela, estes esportes são praticados no meio aquático (PEREIRA, ARMBRUST e RICARDO, 2008).

Figura 1 – Representação dos esportes: a) surf e b) windsurf



pxhere.com (alterada pelo autor)

pixabay.com (alterada pelo autor)

Algumas modalidades são praticadas no meio aéreo, por exemplo, o *Base jump*, é um esporte no qual o praticante salta de prédios, antenas, pontes e penhascos e se faz o uso de um paraquedas apropriado para ser aberto em baixas altitudes e *Sky surf* é uma modalidade de paraquedismo onde o praticante utiliza uma prancha durante o salto para realizar manobras. *Bungee jump*, que por alguns não é considerado um esporte radical e sim uma manifestação cultural, este que consistem no ato do participante saltar de determinada altura amarrado com uma corda elástica pelos tornozelos ou cintura, no meio terrestre, o *Sandboarding* é um esporte onde o participante desce dunas de areia sobre uma prancha (PEREIRA, ARMBRUST e RICARDO, 2008).

Figura 2 – Representação dos esportes: a) basejump e b) sandboarding





commons.wikimedia.org (alterada pelo autor)

guiadoesporte.com (alterada pelo autor)

O *Kitesurf* é um esporte que é praticado sobre prancha onde o praticante fica amarrado a uma pipa e através dessa controla sua movimentação sobre a água, este é um esporte praticado no meio misto (envolve mais de um meio, no caso específico do *kitesurf* envolve o meio aéreo e o meio aquático). escalada *indoor* que se realiza usando um paredão com peças de apoio a escala dentro de algum espaço, o conhecido skate, patins e bicicleta (*trial*, *bmx*) são esportes praticados no meio urbano (PEREIRA, ARMBRUST e RICARDO, 2008).

Figura 3 – Representação dos Esportes: a) skate e b) BMX



pxhere.com (alterado pelo autor)

commons.wikimedia.org (alterado pelo autor)

Alguns dos esportes radicais de aventura são; Mergulho e Canoagem (*rafting*, caiaque, *aqua ride*, *canyoning*) são esportes praticados no meio aquático. Paraquedismo, Balonismo e Vôo livre onde os praticantes saltam de um lugar amarrados a um planador são esportes praticados no meio aéreo. Montanhismo (escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel,

arvorismo), Mountain bike ou ciclismo de montanha (*down hill, cross country*) e *Trekking* ou trilha como é popularmente conhecido, são esportes praticados no meio terrestre. Corrida de Aventura é praticada no meio misto. E por fim o *Parkour* no meio urbano (PEREIRA, ARMBRUST e RICARDO, 2008).

Esporte de aventura e radicais: contexto regional

No contexto regional, no distrito federal, há diversas estruturas que pode ser citada como um incentivo as práticas corporais de aventura, que são as pistas de skate ou *Skate park's* públicas, onde a maioria das cidades satélites possuem uma como por exemplo, Gama, Santa Maria, Deck Sul e Candangolandia.



Skate Park do Gama - DF

Também temos cenário urbano que pode servir para práticas do parkour além da diversidade natural do cerrado, , com cachoeiras e outras atrações para os praticantes, propício a prática de *Trekking* (trilha), corrida de orientação dentre outras modalidades.



Os esportes radicais e de aventura: um breve histórico.

No âmbito internacional, nos anos 70 houve um desenvolvimento notável em países capitalistas das práticas que correlacionavam atividade física à fabricação de equipamentos lúdicos. Estas atividades físicas ficaram conhecidas por dois nomes; Esportes Radicais e/ou Esportes Californianos, o primeiro se refere as fortes emoções e excitações que os participantes experimentam nessas atividades, e o segundo se refere a geografia e a localização onde alguns destes esportes foram inventados e onde ganharam mais destaque e praticantes, California, Estados Unidos (BRANDÃO, 2010).

Ainda em pesquisas realizadas nos Estados Unidos pode-se observar a queda na prática de esportes tradicionais e olímpicos e um aumento em esportes considerados radicais, também nomeados como Esportes de Ação ou esportes Extremos. Uma justificativa para esse crescimento pode ser buscada na cultura da época, um momento da história marcado pelo movimento *hippie*, onde houve um aumento do poder social da juventude, desta forma as práticas corporais de aventura foram popularizadas na época pela busca dos jovens de suprirem seus desejos por liberdade, flexibilidade e aventura que os esportes mais tradicionais não supriam. Alguns dos fatores de grande importância para os esportes de aventura terem começado a ganhar adeptos no Brasil na década de 1980 e desde então o número de praticantes vir crescendo consideravelmente foram as influências que os meios midiáticos tiveram nessa época, por exemplo, um programa de tv da emissora rede globo nomeado como “Armação Ilimitada” ganhou grande notoriedade na tv brasileira onde em alguns episódios os Juba e Lula (os protagonistas do programa) apresentavam práticas corporais de aventura. Logo depois várias emissoras com canais abertos passaram a apresentar também programas com os esportes radicais como conteúdo principal como por exemplo o conhecido programa apresentado por Clayton Conservani e Carol Barcellos intitulado “Planeta Extremo” também produzido pela rede globo, nas edições do programa Conservani e Barcellos eram acompanhado por câmeras em escaladas a montes e montanhas, o sucesso foi tão



grande que Conservani relata que as pessoas não o reconheciam por outros programas esportivos que apresentava e sim pelo “Planeta Extremo” ganhando o apelido popular “homem de gelo”, a partir disso conseguimos ter noção da importância da mídia para o crescimento dos esportes radicais aqui no Brasil (BRANDÃO, 2010; GLOBO, 2021).

Importante salientar que os programas televisivos apenas refletiam o que acontecia na época, um aumento imenso de adeptos de diferentes esportes tomou conta do país. Um exemplo da história dos esportes radicais no Brasil é a ascensão do skate, há relatos que a prática do skate surgiu por meados da década de 1960, “em meados” pois há um problema com a data exata por falta de documentação, mas há relatos que contam o seu surgimento no ano de 1964 na Urca, Rio de Janeiro, por praticantes que visitavam e de certa forma tinham acesso à cultura estadunidense. Já o paraquedismo outro exemplo de esporte radical, chegou no Brasil em 1931 trazido por Charles Astor para São Paulo onde o mesmo formou alunos da modalidade (CBPq, 2021; CBSK, 2021).

Esportes Radicais na Escola: Práticas Corporais de Aventura

No contexto da educação brasileira estes esportes são referidos como Práticas Corporais de Aventura e se estruturam em duas vertentes que foram definidas conforme o ambiente em que se pratica; urbana e na natureza. As práticas corporais de aventura urbanas devem acontecer nos anos 6º e 7º, do fundamental 2, que é constituído por turmas do 6º ano ao 9º ano com alunos de idades que variam de 11 a 15 anos, com intenção de proporcionar aos alunos o conhecimento sobre a origem dessas práticas, os tipos de prática e as características das mesmas, a experimentação destas atividades de forma que os mesmos valorizem sua própria integridade física e segurança e também se preocupando com a do próximo, possibilitando que os mesmos identifiquem os riscos durante a prática de forma que possam planejar ações para contornar os mesmos, conscientizá-los sobre o respeito ao espaço público e formas de tornar essas práticas seguras (BRASIL, 2017).



As práticas corporais de aventura na natureza devem acontecer nos anos 8º e 9º também do fundamental 2 com o objetivo de proporcionar a experimentação dessas práticas, presando pela segurança e integridade física individual e coletiva, conhecer as características e as evoluções históricas de cada modalidade, oferecendo autonomia para identificar riscos e maneiras de evitá-los para uma prática segura além de conscientizá-los sobre a importância do ambiente em que estas são praticadas, que é a natureza, e formas de preservá-la (BRASIL, 2017)

Uvinha (2000) comenta que os esportes radicais no momento de lazer das pessoas têm diversos benefícios educacionais como ferramenta para o desenvolvimento humano. Neste sentido, os esportes radicais se tornam uma proposta que pode despertar o interesse dos alunos nas aulas de educação física escolar, pois além de trabalhar as capacidades motoras e habilidades dos alunos, também oportunizam que eles superem os seus limites influenciando de forma importante na sua personalidade (MARCON e BONOTTO, 2016).

Em contraponto parece existir carências destes esportes no ambiente escolar Marcon e Bonotto (2016) e Capaverde, Medeiros e Alves (2015) demonstram em seus estudos que essa carência se dá talvez por falta de espaço adequado ou equipamentos para a prática dos mesmos, por exemplo o *surf*, ou o bicicross (BMX) são práticas demasiadamente dispendiosas devido a necessidade de equipamentos específicos, porém existem os esportes que podem ser adaptados para sua abordagem na escola, como por exemplo a corrida de aventura onde pode ser promovido um passeio pela escola a um local adequado sem um custo elevado, o mesmo para o arborismo. Um dos outros motivos são os riscos, muitos professores não os abordam na escola por considerarem estes esportes que em algumas modalidades são praticadas no meio natural, como muito arriscados (MARCON e BONOTTO, 2016).

Marcon e Bonotto (2016) e Capaverde, Medeiros e Alves (2015) também realizaram pesquisas com professores buscando saber o porquê deles não utilizarem os Esportes Radicais como conteúdo em suas aulas e além de uns relatarem o risco como um dos fatores como já foi citado anteriormente outros professores assumiram a falta de conhecimento e domínio sobre o assunto como justificativa, os autores salientam que existem cursos para adquirir e aprimorar os



conhecimentos sobre os esportes radicais e a forma de aborda-los em aula e que em suas pesquisas o que acreditam ser realmente a causa da ausência dos Esportes Radicais na escola são os professores não buscarem conhecimento sobre.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A busca foi realizada de forma independente pelo estudante autor, entre março e maio de 2021, através da biblioteca virtual em saúde (BVS) e o Google Acadêmico. Foram selecionados artigos escritos em português e inglês, publicados entre 2008 e 2021. Usando como palavra-chave: esporte radical escola, esportes radicais, aventura escola. Os critérios de inclusão foram: artigos completos; população infantil, jovem e estudante; saudáveis; artigos em inglês e português e os critérios de exclusão foram: artigos incompletos e revisões.

3 RESULTADOS



Tabela 1 – Esportes Radicais

	Características	Objetivo	Métodos	Avaliações	Resultados	Conclusão
Bahaeloo -Horeh e Assari (2008)	Efeito do montanhismo sobre a autoestima e suas correlações em estudantes.	Analisar o efeito do montanhismo sobre a autoestima e correlações em estudantes.	O estudo recrutou 54 estudantes (masculino 26%, feminino 74%) de diferentes universidades na capital do Irã, Teerã. Os alunos participaram de um programa de montanhismo no Monte Damavand em julho de 2006.	Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES), SF-36 e Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HADS)	RSES médios após o programa foi significativamente maior do que antes da experiência (24,78 2.4 vs. 23.67 3.3; P .002). Autoestima estava correlacionada com a dor corporal, e sua melhora foi correlacionado com saúde mental e depressão (P .05).	Este estudo mostrou que a participação em um único programa de montanhismo melhorou o senso de autoestima dos alunos. Sugerindo que a realização dessa atividade pode ter benefícios para os alunos com depressão.
Barela et al., (2012)	Pesquisa de campo realizada em duas escolas do estado de São Paulo analisando a contribuição das aulas de educação física para o desenvolvimento de habilidades	Investigar a contribuição das aulas de educação física no desenvolvimento das habilidades motoras dos alunos e se a prática de esportes radicais além das	19 crianças que tiveram semanalmente duas aulas de EF formaram o grupo controle e 22 crianças que tiveram semanalmente duas aulas de EF e três aulas de esportes	Todas as crianças foram filmadas realizando as habilidades motoras dos subtestes locomotor e controle de objetos do Test	Os resultados indicaram que as crianças do GE apresentaram escores brutos maiores que as crianças do GC. Não houve diferença nos demais resultados.	As aulas de EF nos quatro primeiros anos do ensino fundamental I contribuíram para o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais, os dois grupos não apresentaram idade



	<p>motoras em crianças do ensino fundamental, e se a prática de esportes radicais além dessas aulas pode contribuir para esse desenvolvimento.</p>	<p>aulas influencia em tal desenvolvimento.</p>	<p>radicais formaram o grupo experimental.</p>	<p>of Gross Motor Development (TGMD-2). Os escores foram atribuídos de acordo com a qualidade do movimento observado, e a idade motora equivalente também foi estimada para os dois subtestes.</p>		<p>motora equivalente inferior à idade cronológica, e as aulas de esportes radicais contribuíram ainda mais para o desenvolvimento de habilidades locomotoras.</p>
<p>Junior e Souza (2019)</p>	<p>Introdução dos Esportes Radicais nas aulas de educação física no ensino fundamental em uma escola do município de Imbituba.</p>	<p>Introduzir a prática dos Esportes Radicais nas aulas de Educação Física e verificar o interesse e a satisfação dos alunos em relação a prática dos Esportes Radicais</p>	<p>Pesquisa realizada em uma escola do município de Imbituba, no ensino fundamental, com alunos de idade entre 13 e 14 anos de ambos os sexos.</p>	<p>Dois questionários foram aplicados, um relacionado ao interesse dos alunos sobre Esportes Radicais nas aulas Educação Física e o segundo sobre a satisfação após</p>	<p>96,7% (29 alunos) tem interesse nas aulas de Esportes Radicais na Educação física escolar e 100% (30 alunos) mostraram satisfação parcial ou total com as aulas lecionadas</p>	<p>Os alunos demonstraram possuir interesse em vivenciar as aulas de Esportes Radicais na Educação física escolar, segundo os alunos os professores ainda têm insegurança para aplicar os ER nas aulas, eles sentem a ausência destas modalidades.</p>



				as aulas vivenciadas durante o estudo.		
Triani e Telles (2019)	Representação social dos esportes de aventura na educação física escolar que alunos do 4º ano do ensino fundamental de um colégio particular de Duque de Caxias/RJ possuem.	Identificar e discutir sobre essas representações sociais dos esportes de aventura na educação física que os alunos participantes do estudo têm.	Além de utilizar a Teoria das Representações Sociais foi adotada uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa onde 43 estudantes participaram por meio do teste de associação livre de palavras.	Teoria de Representações Sociais e Teste de associação livre de palavras.	Os resultados apontaram “esportes com bola”, “sentimento”, “saltos radicais”, “escalada”, “exploração”, e “corrida” como grupos semânticos associados aos esportes de aventura para os alunos estudados.	Há a necessidade de práticas pedagógicas de intervenção já no 4º ano para possíveis transformações sobre as representações sociais tidas acerca dos esportes de aventura.
Freitas et al., (2016)	Estudo qualitativo com intuito de analisar a implementação de um programa de Práticas Corporais de Aventura (PCA) nas aulas de Educação	Analisar a implementação de um programa de PCA nas aulas de educação física numa escola.	Foi avaliado as opiniões dos professores de Educação Física e dos alunos envolvidos no processo, por meio de entrevista semiestruturada e	Entrevista semiestruturada (professores) e questionário aberto (alunos).	Mostrou-se que o processo foi importante, porque apresenta um novo conteúdo possível para as aulas, uma vez que era algo desconhecido para os alunos e professores que mesmo assim se mostraram motivados e como dificuldade os participantes do estudo	O processo permitiu uma ampliação de conteúdos desenvolvidos nas aulas e oportunizou vivências significativas que, ao serem democratizadas, podem tornar outros processos semelhantes



	física em uma escola.		questionário aberto respectivamente.		apontaram a falta de materiais na escola e falta de espaço físico adequado para que ocorram as práticas, mas também acreditam que as PCAs têm a possibilidade de serem aplicada nas aulas mesmo que de forma adaptada.	igualmente significativos.
--	-----------------------	--	--------------------------------------	--	--	----------------------------



Na pesquisa feita por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, foram achados 12 estudos, e 05 atendiam a característica de: (a) Tratar da temática esportes radicais na escola e (b) tratar-se de pesquisas de campo (Bahaeloo-Horeh e Assari (2008); BARELA et al., (2012); Junior e Souza (2019); Triani e Telles (2019); Freitas et al., (2016) (tabela 1).

Bahaeloo-Horeh e Assari (2008) observaram que a prática de esportes radicais mais especificamente o Montanhismo, realizada por estudantes em um programa teve resultados significativos na melhora do senso de autoestima deles, chegando a sugerir a prática para pessoas com depressão. Barela et al., (2012) constataram também através de testes e intervenção que crianças na idade de 9 a 10 anos que praticam esportes radicais apresentam escores maiores no subteste locomotor do Test of Gross Motor Development (TGMD-2), para avaliação da coordenação motora grossa, além de uma idade motora equivalente maior que a idade cronológica, ou seja, a prática dos esportes radicais contribuiu para o desenvolvimento das habilidades motoras de locomoção das crianças em questão.

No estudo de Junior e Souza (2019) foram aplicados dois questionários relacionados aos esportes radicais como conteúdo nas aulas de educação física em 30 alunos com idade de 13 a 14 anos. O primeiro questionário foi relacionado ao interesse dos alunos sobre os Esportes Radicais nas aulas de Educação Física e o segundo sobre a satisfação deles com as aulas que tiveram durante o estudo. Com isso constatou-se que 96,75% têm interesse em ter os Esportes Radicais como conteúdo nas aulas de Educação física na escola e 100% mostraram se satisfeitos parcialmente ou totalmente com as aulas que foram lecionadas.

No estudo de Triani e Telles (2019) foi utilizado a Teoria de Representações Sociais, que consiste em uma teoria sobre a construção dos saberes sociais, no caso dessa pesquisa o ponto foi o que socialmente os alunos sabem sobre os esportes radicais, sendo assim foi utilizado como base para os resultados e o Teste de associação livre de palavras. Os resultados do teste apontaram “esportes com bola”, “sentimento”, “saltos radicais”, “escalada”, “exploração”, e “corrida” como grupos semânticos associados aos esportes de aventura para os alunos estudados (43 alunos com



idade de 8 a 9 anos). Mostrando desta forma a necessidade de práticas pedagógicas de intervenção já no 4º ano para que seja possível mudar as representações sociais tidas sobre os esportes de aventura.

No estudo de Freitas et al., (2016) foi realizada uma entrevista semiestruturada aos professores e um questionário aberto aos alunos para se analisar a implementação de um programa de Práticas Corporais de aventura nas aulas de educação física na escola. Desta forma o processo foi importante por apresentar um novo conteúdo para as aulas que era desconhecido por parte dos alunos e professores, mas da mesma forma se mostraram motivados para aderirem. O estudo também demonstrou que os participantes apontaram como dificuldade a falta de material e espaço físico adequado para as práticas dessa modalidade na escola, mas ainda acreditam que elas podem ser sim abordadas de forma adaptada.

4 DISCUSSÃO

A seguinte revisão teve como objetivo revisar pesquisas de campo relacionando os esportes radicais com o ambiente escolar, conferir na situação do atual cenário escolar se os professores utilizam esses esportes como conteúdo e quais as características e resultados encontrados com intervenções na escola utilizando os esportes radicais

A primeira constatação da presente revisão foi verificar um número pequeno de estudos relacionados ao tema esportes radicais e ambiente escolar, pois a quantidade de estudos abordada nessa revisão foram as únicas achadas nos meios de pesquisa que foram utilizados e que se encaixavam nos critérios. De toda sorte, na presente revisão foi possível verificar que os esportes radicais parecem benéficos, auxiliando na autoestima dos praticantes e suas habilidades motoras fundamentais (BAHAELOO-HOREH e ASSARI, 2008; BARELA et al., 2012), fora o fato de ser um conteúdo que interessou os alunos que tiveram experiências com ele na escola (JUNIOR e SOUZA, 2019).



A falta de formação específica dos professores para desenvolverem atividades podem ajudar a explicar um pouco o cenário, pois não é comum encontrar nas matrizes dos cursos carga horária voltada para esportes radicais, ainda, custo dos equipamentos e infraestrutura dificultam a implementação de tais modalidades nas escolas, nesta direção, a maioria das instalações das escolas são voltadas para os esportes coletivos como basquete, vôlei e futsal (FREITAS et al., 2016).

Mas, os professores aplicam os esportes radicais como conteúdo? Se não aplicam quais os motivos apresentados? Um estudo buscou verificar isso, as respostas dadas pelos professores variavam entre não ter o conhecimento adequado para tal e a falta de materiais e espaço físico adequado, o estudo verificou que os alunos não demonstram o mínimo conhecimento sobre os esportes radicais. Mostra-se assim interessante a abordagem dos esportes radicais como conteúdo nas aulas de educação física desde os anos finais do ensino fundamental 1, constituído por alunos do 1º ao 4º ano (TRIANI e TELLES, 2019). Sendo assim, uma maneira de aumentar a participação dos alunos nas aulas é propor conteúdos diferentes e divertidos e os esportes radicais são uma opção para isto e estão em consonância com a BNCC. (FREITAS et al., 2016; TRIANI & TELLES, 2019).

Neste âmbito pode-se citar o “efeito fadinha”; após o pódio conquistado pela atleta skatista brasileira Rayssa Leal nos jogos olímpicos de Tóquio houve uma explosão de popularidade do skate principalmente dentre o público infantojuvenil, o aumento da venda de skates e de crianças praticantes, assim a situação se demonstra uma oportunidade para inserir de vez os esportes radicais na escola, já que está amparado pela BNCC e há interesse por parte dos alunos de terem aulas com essa temática.

Dentre as inúmeras possibilidades de aplicação, pode-se aplicar não somente a intervenção com o skate mas com diversos outros esportes radicais, num contexto mais regional e adaptativo, pode-se ofertar aos alunos passeios para a experimentação do *trekking* (trilha) e da corrida de orientação por exemplo, que além de proporcionar essa experiência não somente por ser uma prática corporal de aventura pode ser valorizado por colocar o aluno em contato com a natureza algo que vem sendo diminuído com a evolução das tecnologias e o conforto, também o contexto do



aluno conhecer melhor a região onde mora e as possibilidades e atividades na região e não só em passeios mas também a vivência do *parkour* dentro da própria escola de forma adaptada onde os alunos experimentariam os movimentos da modalidade, como o *rolamento*, o *precisão* e o *vault* dentre outros que podem ser abordados sem muito esforço para adaptar o ambiente escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro aspecto que deve ser mencionado é o baixo número de artigos sobre o tema abordado. O baixo número de estudos pode estar refletindo o cenário nas escolas, parece assim que os esportes radicais são pouco estudados, e talvez sejam pouco trabalhados, isto parece ocorrer devido à falta de qualificação e conhecimento dos profissionais de educação física que estão atuando nas escolas, a falta de espaço físico adequado para a prática e a falta de materiais e o risco que a prática pode oferecer.

Os esportes radicais parecem favorecer questões de autoestima quanto para o desenvolvimento motor dos alunos. Portanto, apesar de alguns estudos demonstrarem algum tipo de resultado positivo para o desenvolvimento dos alunos e que um estudo demonstrou que os professores não se sentem seguros desenvolvendo os esportes radicais, não foi possível tecer mais comentários além dos citados acerca do assunto na presente revisão, pois a escassez de estudos limita mais comentários e extrapolações. Nesta direção, visto a importância da temática, é importante que mais estudos sejam feitos sobre o tema.



REFERÊNCIAS

BAHAELOO-HOREH, S., ASSARI, S. Students Experience Self-Esteem Improvement During Mountaineering. **Wilderness & Environmental Medicine**, vol. 19, n. 3, p. 181-185, 2008.

BARELA, J. A., BARELA, A. M. F., ARAUJO, M. P., CELESTINO, M. L. Contribuição de diferentes conteúdo das aulas de educação física no ensino fundamental 1 para o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais. **Rev Bras Med Esporte**, vol. 18, n. 3, p. 153-157, 2012.

BRANDÃO, L. O esporte e a escrita da história: novos desafios. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 24, p. 201-210, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017.

CAPAVERDE, M. R., MEDEIROS, T. N., ALVES, S. L. C. Esporte de aventura nas aulas de educação física: uma alternativa ao alcance dos profissionais? **Revista Vento e Movimento**, Osório, vol. 1, n. 1, p. 49-59, 2012.

COMINESI JUNIOR, M., SOUZA, F. **Esportes radicais: a educação física escolar fora das quatro linhas**. Trabalho de Conclusão de Curso, curso de Educação Física da Universidade UNISUL. 2019. Disponível em < <https://riuni.unisul.br/handle/12345/8459>> Acesso em: 9 jun 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PARAQUEDISMO. **História da CBPq**. Disponível em < <https://www.cbpq.org.br/site/sobre/historia>> Acesso em 8 jun 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. **História do Skate no Brasil**. Disponível em: < <http://www.cbsk.com.br/cms/dados/skate-no-%20brasil/6>>. Acesso em: 7 jun 2021.

FREITAS, T. A., RUFINO, L. G. B., TAHARA A. K., DARIDO S. C. Avaliação da implementação de um programa de práticas corporais de aventura na educação física escolar. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 1, p. 4-16, 2016.

GLOBO. **Armação limitada**. Disponível em <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/series/armacao-ilimitada/>> Acesso em 15 maio 2021.

GLOBO. **Planeta Extremo**. Disponível em <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/planeta-extremo/#:~:text=O%20Planeta%20Extremo%20foi%20ao%20deserto%20de%20Utah,e%20precisou%20amputar%20o%20pr%C3%B3prio%20bra%C3%A7o%20para%20sobreviver> .Acesso em 13 maio 2021.



GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país.** 1º edição. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MARCON, J. C. F., BONOTTO, J. O. **Esportes radicais: uma alternativa para as aulas de educação física.** Trabalho de Conclusão de Curso, curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense. 2016, p. 13. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/4790>>. Acesso em: 05 de maio de 2021.

PAIXÃO, J. A. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 170-182, 2017.

PEREIRA, D. W., ARMBRUST, I., RICARDO, D. P. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, vol. 12, n. 1, p. 18-34, 2008.

TRIANI, F., TELLES, S. C. C. Representações sociais sobre os esportes de aventura na educação física. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, vol. 10, n. 30, p. 246-267, 2019.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais.** 1º edição. São Paulo: Editora Manole, 2000.

